

A

Junto com outras mulheres íamos ver os cadáveres atirados na estrada, mortos que ninguém procurava por medo. Íamos ver se eram nossos filhos e sem dinheiro voltávamos caminhando para casa e em meio à vegetação eu dizia: “— De repente, meu filho Libório escapou. De repente, meu filho Libório está por aqui ferido.” E começava a chamá-lo: “— Libório! Libório!”. E somente o eco das colinas me respondia. Um dia nos disseram: — “Vão ao Inferno”. Chegamos correndo eu e todas as mulheres e ali encontramos mãezinhas com seus bebês mortos, juvenzinhos com as mãos amarradas para trás, mortos. E assim, vendo cada vez mais mãos, braços, pernas, ia morrendo de aflição e dizia para mim mesma que, ainda que morresse, seguiria procurando o meu filho.

De repente, me vi na parte mais alta da montanha e compreendi tudo. E colocando a mão sobre o peito me abaixei e beijei minha terra pela última vez. E vendo as casinhas de meu povoado, disse: “— Adeus alegrias e aflições. Adeus consolos e pesares, adeus...” Quando de repente, escutei: “— Rosa, Rosa Cuchillo?”. E, ao olhar, vi o meu cãozinho, meu cãozinho que uma onça de um só golpe matou para roubar uma de minhas ovelhas. “— Cãozinho!” “— Tranquila, Rosa. Vim por você.” “— Viu o meu filho, Libório?” “— Sim. O vi antes que você passasse por aqui. Vamos, Rosa. Agora temos que cruzar o Wañuy Mayu, o rio de águas tormentosas e escuras que separa os vivos dos mortos”. E assim, agarrada a meu cãozinho a corrente do rio me jogava de um lado para outro... e não sei quantos dias, quantas horas, quantos meses estava derrubando-me na pedra da terra até que, por fim, um dia encontrei, encontrei areia grossa. E me arrastando cheguei a outra margem e ali avistei um vulto, uma porta, a Porta do Uhqu Pacha, que se abria de maneira diferente para cada pessoa e onde não se pode recuar no caminho. E, ali, me encontrei com homens e mulheres metade animais, metade pessoas; a uns ajudei, outros me ajudaram, outros me fizeram correr espantada. Até que, finalmente cheguei diante do Grande Taita Rumi. E reverenciando-o lhe disse: “— Grande Senhor das Pedras, por meu filho Libório, estou perguntando.” “— Tranquila Rosa. Teu filho caminha à frente de você. Vamos, agora tem que cruzar o Koyllur Mayu, o Rio de águas tranquilas e brancas que cruza as estrelas e os astros.”

Rosa Cuchillo

Óscar Colchado Lucio (Peru)

B

Posso continuar. Me dê outra oportunidade! Não acabei! Rebaixo um pouco aqui.... e as costeletas. Faltas as costeletas! E o bigode. Não tem? Por que não deixa o bigode? Eu também deixo o bigode e, assim, como irmãos! Sim, sim, assentado lhe fica bem, perfeito. Eu gosto. Foi... uma experiência interessante. Quanto lhe devo? Não, você é que me deve, não? Bom, normalmente... Também, não é uma situação anormal. É... divertida. Isso: divertida. Ha-ha-ha! Não, não é tão divertido assim. Gostou... gostou como lhe... cortei? Por ser a primeira vez... Poderíamos ser sócios... Não, não! Não quero me meter nos seus negócios! Eu sei que tem muitos clientes, não pense que quero roubá-los! São todos seus! Lhe pertencem! Todo cabelinho que anda por aí é seu! Não pense mal. Poderia trabalhar de graça. Eu! Por favor! Eu disse que não sabia! Você me obrigou! Não posso negar quando me pedem as coisas... com jeito. E que importa? Não lhe cortei um braço! Se eu tivesse lhe cortado um braço, poderia se queixar. Sem uma perna! Mas um cabelo? Que bobo! Não Bobo, não! O cabelo cresce! Numa semana, você... puf!... até o chão! Agora sou eu? Está bem, está bem! Afinal, nós entendemos! É só ter paciência, que tudo chega! Barba e cabelo! Corte bastante. Curtinho.

DIZER SIM

Griselda Gambaro (Argentina)

C

Saí ao corredor. Necessitava correr e me perder pelo edifício. De repente, atraídos pelos disparos, os dois velhos que tinha encontrado antes voltaram a aparecer frente a mim. Me tomaram a mão sem falar e juntos descemos os três andares. Ao chegar ao térreo seguimos até o porão por uma escadinha de ferro. Fomos por um corredor até o fundo do edifício. No final uma luz fraca iluminava a porta de um quarto malcheiroso em ruínas.

Entramos no quarto. Eles se sentaram em uma espécie de cama armada no chão com uns velhos colchões destorcidos. De um lado havia uns longos e profundos bebedouros com água suja. O fundo do quarto estava escuro, não se via nada, mas se podia intuir uns animais corpulentos que chutavam o chão.

Voltei a olhar os velhos. O velho abraçava a velha enquanto a velha acariciava e beijava um menino ou menina inexistente. Acariciava o ar. Beijava o ar. E os dois sorriam como loucos ante o nada que eu via. Se esses dois anciãos não houvessem dado aquele sinal, aquelas carícias, eu me teria asfixiado. Seus olhos, então, começaram a me parecer familiares, e me reconheci neles.

E aconteceu o inevitável, o que eu estava necessitando que acontecesse há muitos anos: um grande estouro de animais explodiu pelo quarto. Agora podia começar a distinguir o que havia no fundo do quarto. Impetuosos. Ardentes cavalos. Eram cavalos de distintas raças e tamanhos. Lindos cavalos. Era uma visão maravilhosa. Vinham até mim. Desejei subir em um deles e escapar para longe. Longe. Mas passavam ao meu lado sem me ver. Nervosos. Briosos e altaneiros. Só podia vê-los passar. Embelezada. Suavizada.

D

Oh, meu querido, meu doce, meu belo jardim... minha vida, minha juventude, minha felicidade. Adeus!... Adeus!... um último olhar para as paredes, as janelas... Nossa pobre mãe amava caminhar neste quarto..." Não consigo. Não sei este monólogo de merda. Tenho menos verdade do que Rasputin. E agora estou em pânico. Já sei o que vai acontecer. Na noite da estreia, no próximo sábado, virão todas as mulheres petersburguesas para me ver. E as outras atrizes para me ver. Me ver cair, ver Olga Knipper cair. Me verão desafinar e dizer estas lindas palavras sem alma. Elas irão rir nos momentos equivocados e amassar o papel do chocolate. Mas, no final, quando me virem sorrir agradecida e humilhada... vão aplaudir, felizes, com os dentes cerrados. E irão me esperar na saída do camarim para me abraçar, e eu, tímida, ruborizada pelo calor, borrifada de perfume para cobrir o fedor de suor que exala toda atriz dramática que tenha amor próprio... eu vou agradecer. E, como uma cadela molhada, vou perguntar: Vocês gostaram? De verdade? Vocês não sabem como eu estava nervosa! Obrigada por estarem aqui neste momento tão íntimo. Mas, me digam a verdade, vocês gostaram? Se vocês não tivessem gostado vocês me diriam, não é? Maravilhosa, Olga! Maravilhosa. Que profundidade ao tomar aquela bebida... quando você olhou pela janela, meu coração parou! Hoje você atuou até de costas, Olga Knipper, suas costas expressaram mais matizes dramáticas que seu próprio rosto. E assim, entre elogios falsos, carregando minhas flores, sairei deste teatro pela porta dos atores. E na rua haverá mais flores, flores mais baratas, deixadas pelos admiradores que não suportaram os quarenta graus abaixo de zero da Real São Petersburgo.

Neva

Guillermo Calderón (Chile)

E

Com essa história do tempo ter parado, a casa ficou de pernas pro ar e eu estou a ponto de enlouquecer. Faz cinco dias que estou lavando este copo e não posso ir fazer outra coisa. O dia não passa, são sempre onze horas da manhã. Mas a que sai perdendo é sempre a empregada: Claro, as senhoras se detêm no tempo, sempre senhoras, mas as criadas se fixam no tempo para sempre criadas, e aí nos fodemos!; Por isso não posso me livrar desse copo pentelho.

Olha, parece que está colado com super-bonder! Tenho tido fortes dores nas omoplatas, que são esses pratos que temos nas costas; parecemos louças e não pessoas. Ferradas estamos! Ferradas! Tudo me dói, tudo: Ai, ai, ai, se eu agacho, ui, ui, ui, se eu levanto! Olha essas pernas, pura curva cheia de depressões! Estou fodida! E isso que esfrego a pomada Milagrosa; pior ainda. Tem cheiro de petróleo e, claro, cheiro de caminhão a diesel e aí ninguém se aproxima de mim. Quando se é pobre, se cheira à cozinha de pobre e tem de aguentar a pomadinha; porque se fosse rica já teria operado as panturrilhas, teria colocado marcapassos, olho de vidro, levanta-teta; tudinho já teria feito... E aí sim, que o tempo parasse! O tempo das senhoras não é o mesmo tempo que o nosso, o das criadas. Fodidas estamos!..

Agora sim que terminamos de nos foder. Não só pelos mortos que começaram a povoar a casa; mas agora não há céu não há inferno; de nada serve levar uma vida de penitência e de bondade. Devemos nos fazer de más e cruéis, e aprender a trair, porque aquele trai você, você me trai, eu traio aquele... nesse jogo de traições nos esquecemos de ser pessoas de boa vontade; nos esquecemos das boas intenções que tínhamos com a vida. Agora chega! Paro de ser boba! Porque reconheço que está bem que seja assim, porque agora não há céu, nem inferno, todos temos que fazer por nós mesmos; não para ganhar o paraíso, mas para ganharmos o pão honradamente, sem enganar ninguém.

Escutem todas as senhoras desta casa!: Blanquita, a que tem lavado os trapos sujos dessa família, está farta e está voltando ao lugar de onde nunca deveria ter saído, a Píllaro; porque já não há mais profetas em sua terra e nem em outra, já não há profetas em lugar nenhum e Blanquita se tornou vermelha de ira e está cansada; não pelos anos de vida que a servidão desta casa a arrancou, mas por ser uma tonta que demorou trinta anos para se dar conta de que as pessoas não são gatos: só temos uma vida, e se não a vivemos, nos fodemos. E tenho dito! Arrasei nesse discurso. Copo pentelho! Vou ter de levá-lo colado na mão pelo resto da vida!

A Idade da Ameixa

Aristides Vargas (Argentina)

F

Um ponto vazio.
Sou um ponto vazio, enchendo-se no vazio.
Sem tempo. E sem morada
A perfeição do acabado.
Nada. Ninguém.
Uma vontade vagueando no espaço.
Inalterável.
Para sempre.
Para sempre?
É esse o preço?
Para sempre.
Gostaria de estar em paz.
Sentir que é o fim de uma grande travessia.
Que as estrelas do deserto cegam os meus desejos
e já nada espero.
Mas não é assim.
Não, não é assim...
A lucidez é um agulhão de lacrau
Envenenando o sangue dos sonhos.
A plenitude cheira a morte
A coisa sem uso.
A minha solidão espanta as aves de rapina.
Estas mãos deixaram de arranhar a terra.
E agora são raízes
Que crescem para dentro
E não dão semente.

Canto das Sereias

Susana Torres Molina (Argentina)